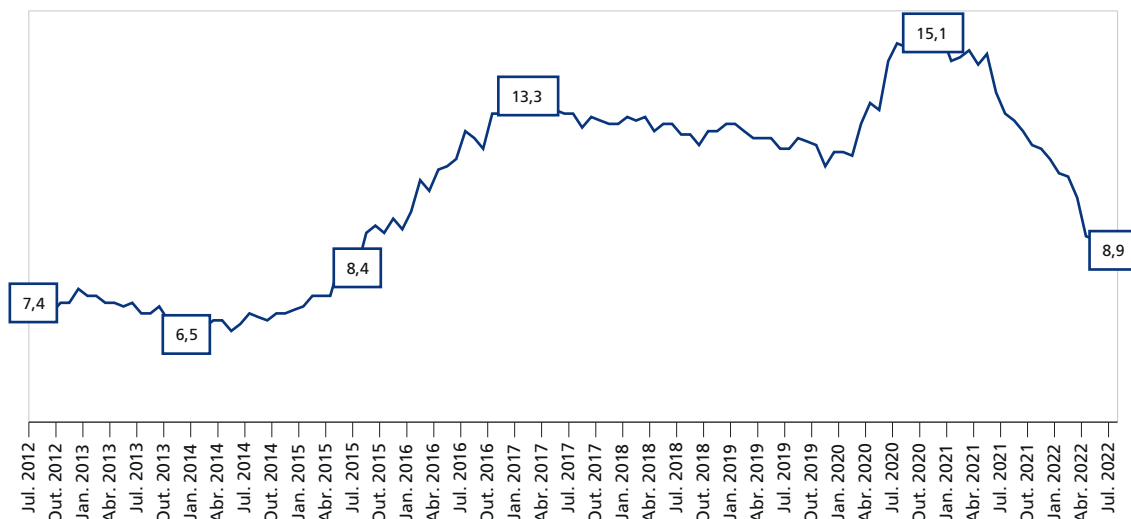


## 1 ASPECTOS GERAIS

Em julho de 2022, após a mensalização das séries trimestrais extraídas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, a taxa média de desocupação no Brasil ficou em 8,9%, recuando 3,9 pontos percentuais (p.p.) na comparação interanual.<sup>21</sup> Em termos dessazonalizados, é a menor taxa desde julho de 2015 (gráfico 1). O número de desocupados reduziu-se 28,7% em doze meses, passando de 13,6 milhões em julho de 2021 para 9,7 milhões em julho de 2022.

GRÁFICO 1  
Taxa de desocupação dessazonalizada (jul. 2012-jul. 2022)  
(Em %)



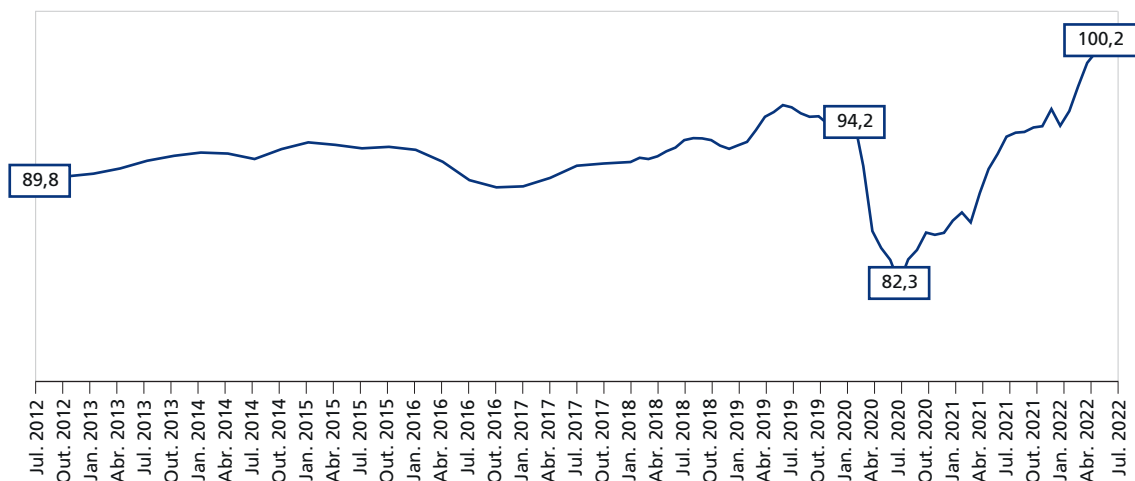
Fonte: PNAD Contínua/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

Essa queda da desocupação reflete o bom desempenho da população ocupada, que vem crescendo desde abril de 2021. Ainda de acordo com a série mensal obtida a partir dos dados da PNAD Contínua, em julho de 2022, o número de ocupados na economia brasileira chegou a 99 milhões de brasileiros em idade ativa, avançando 7,5% na comparação anual. Por sua vez, os dados dessazonalizados indicam um contingente ainda maior – 100,2 milhões (gráfico 2). Esse crescimento do número de ocupados também vem gerando melhora da taxa de ocupação no mercado de trabalho. Em julho, a proporção de ocupados em relação ao total da população em idade ativa era de 57,8% (gráfico 3).

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bmt74/analisedomercado>

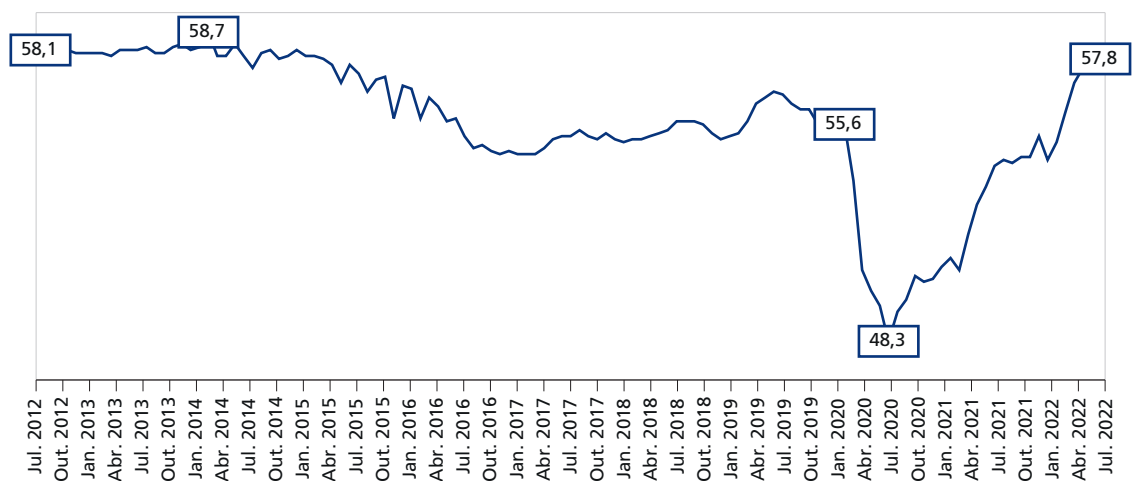
2. Para uma análise da dinâmica do mercado de trabalho no semestre anterior, ver Ipea (2022a; 2022b).

GRÁFICO 2  
**População ocupada – dados dessazonalizados (jul. 2012-jul. 2022)**  
 (Em 1 milhão)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

GRÁFICO 3  
**Taxa de ocupação dessazonalizada (jul. 2012-jul. 2022)**  
 (Em %)



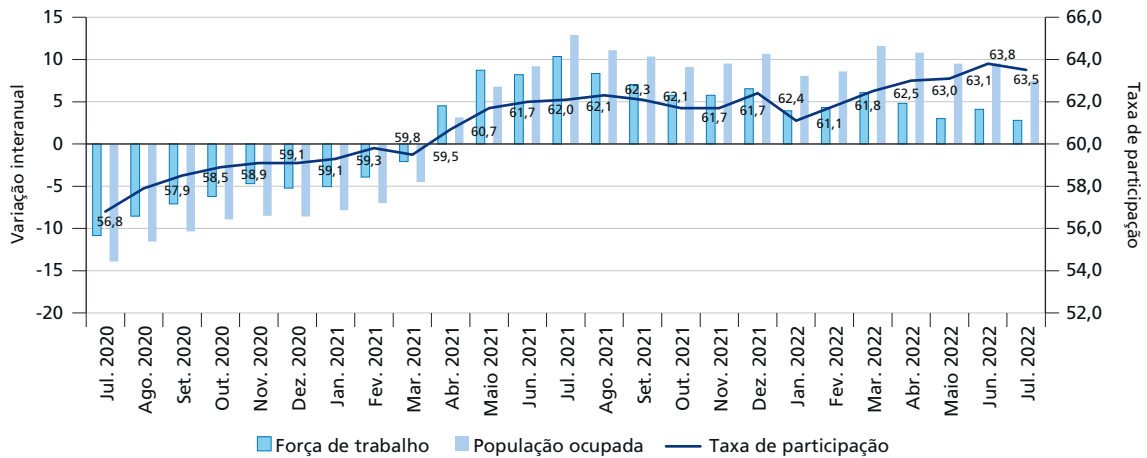
Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

Os dados mostram, ainda, que o impacto positivo do aumento da ocupação sobre a redução do desemprego vem ocorrendo mesmo diante do crescimento da taxa de participação,<sup>3</sup> que avançou de 62,1% em julho de 2021 para 63,5% em julho de 2022 (gráfico 4). Esse aumento

3. Total de pessoas ocupadas ou procurando ocupação (isto é, a população economicamente ativa – PEA ou força de trabalho) em relação à população em idade ativa.

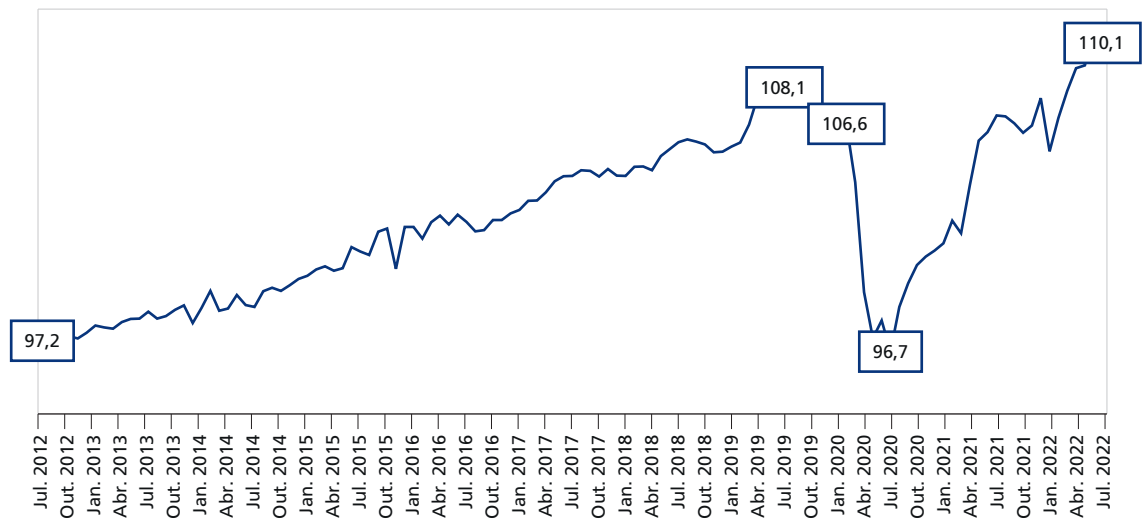
da taxa de participação reflete uma expansão mais forte da força de trabalho, cujo contingente de 108,7 milhões de pessoas, apurado em julho de 2022, é 2,8% maior que o registrado no mesmo período do ano passado. Na série livre de sazonalidade, a força de trabalho, em julho, chegou a 110,1 milhões (gráfico 5).

GRÁFICO 4  
Indicadores do mercado de trabalho (jul. 2020-jul. 2022)  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

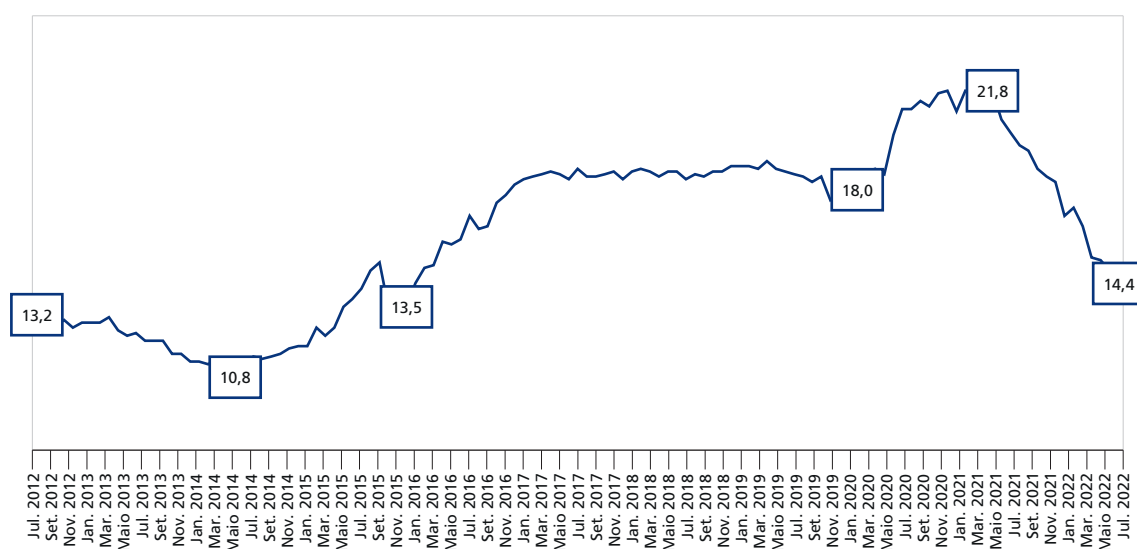
GRÁFICO 5  
Força de trabalho – dados dessazonalizados (jul. 2012-jul. 2022)  
(Em 1 milhão)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

De modo semelhante à desocupação, a melhora das condições do mercado de trabalho também vem possibilitando o recuo da população subocupada<sup>4</sup> e da desalentada.<sup>5</sup> Em julho de 2022, 6,1 milhões de trabalhadores se declararam subocupados, o que representa uma queda de 21,9% na comparação interanual. Logo, o percentual de subocupados em relação ao total da ocupação caiu de 8,3%, em julho de 2021, para 6,1%, em julho de 2022. Por conseguinte, a taxa combinada de desocupação e subocupação chegou a 14,4% em julho de 2022, situando-se no menor patamar desde dezembro de 2015 (gráfico 6). Em relação ao desalento, por sua vez, observa-se que, em julho de 2022, o número de desalentados no país era de aproximadamente 4,2 milhões, 16,9% menor que o de julho de 2021. Consequentemente, a proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho recuou novamente, chegando a 3,6% em julho de 2022 (gráfico 7).

GRÁFICO 6  
Taxa combinada de desocupação e subocupação (jul. 2012-jul. 2022)  
(Em %)



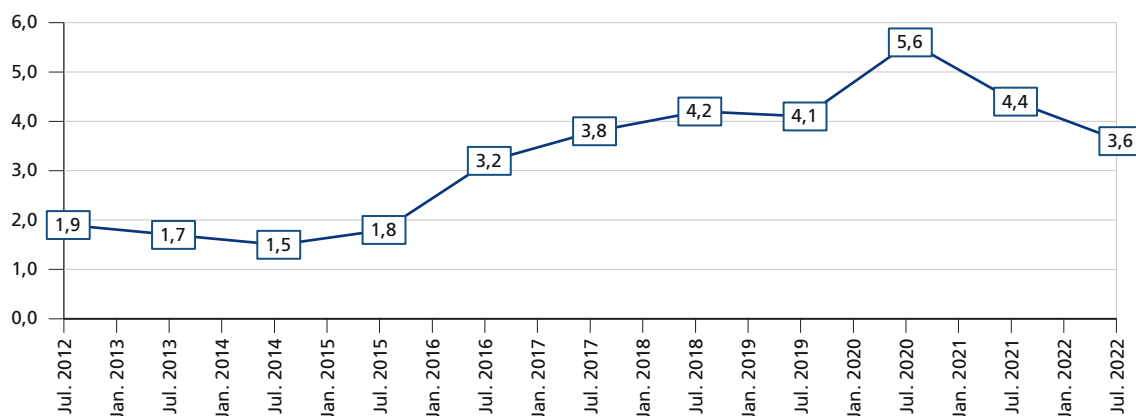
Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>.

Elaboração dos autores.

4. Segundo o IBGE, o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas se refere à população que está trabalhando menos de quarenta horas semanais, mas tem disponibilidade e gostaria de trabalhar mais.

5. Segundo o IBGE, desalentados são pessoas que gostariam de trabalhar e estariam disponíveis, porém não procuraram trabalho por acharem que não encontrariam.

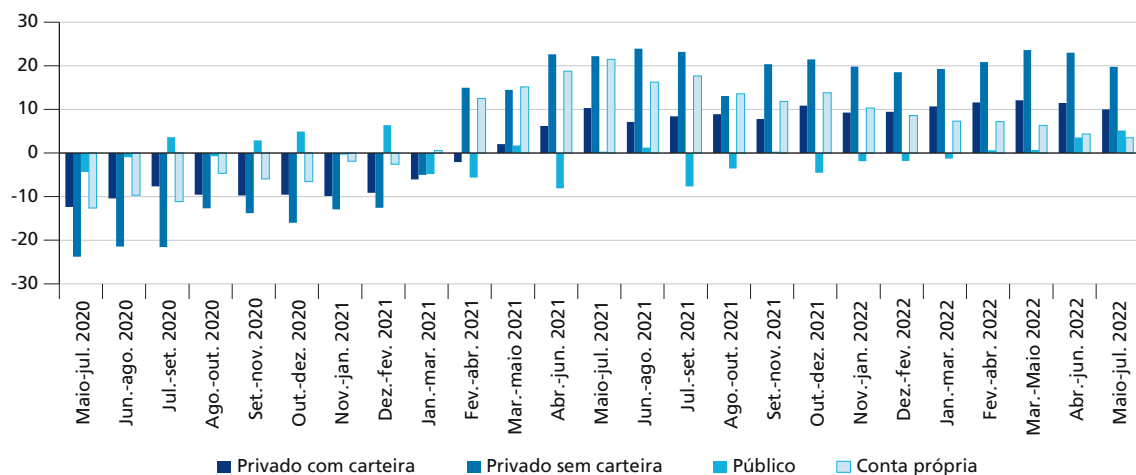
GRÁFICO 7  
**Proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho (jul. 2012- jul. 2022)**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCXY>>. Elaboração dos autores.

A melhora do mercado de trabalho ocorre também de forma qualitativa, tendo em vista que, embora a maior parte das novas vagas ainda esteja sendo gerada nos segmentos informais da economia, há uma trajetória perceptível de recuperação do emprego formal no país. De acordo com a PNAD Contínua, no trimestre móvel encerrado em julho de 2022, o contingente de trabalhadores com carteira avançou 10,0%, na comparação interanual, enquanto o contingente de ocupados sem carteira aumentou 19,8%. No caso dos ocupados no setor público e daqueles por conta própria, as taxas de expansão observadas foram de 5,1% e 3,5%, respectivamente (gráfico 8).

GRÁFICO 8  
**População ocupada, por vínculo empregatício – taxa de variação interanual**  
 (Em %)

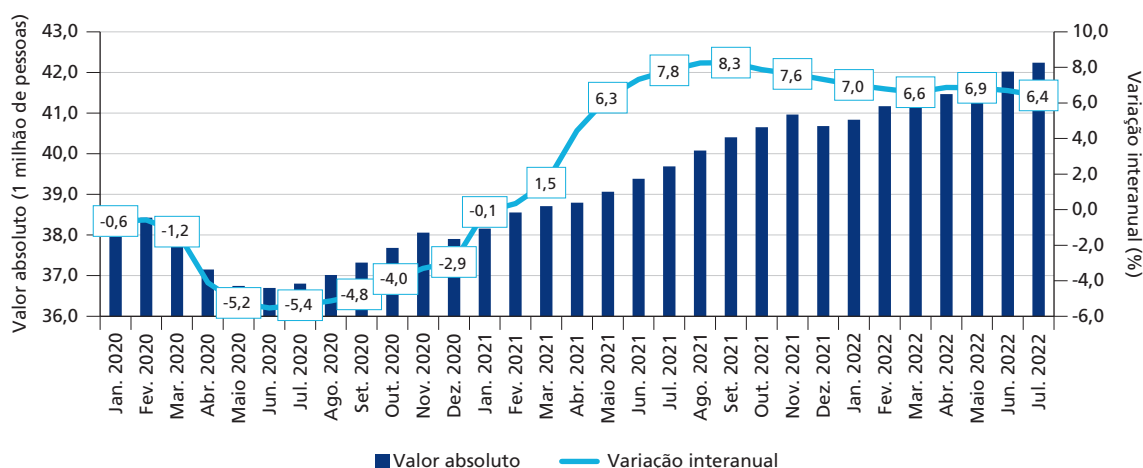


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCXY>>. Elaboração dos autores.

Em consonância com a PNAD Contínua, os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) também retratam essa relativa recuperação do emprego formal. Segundo as estatísticas divulgadas pelo Ministério do Trabalho, nos doze meses encerrados em julho de 2022, a economia brasileira gerou mais de 2,5 milhões de novas vagas com carteira assinada. Dessa forma, o estoque de trabalhadores formais registrado pelo Caged em julho desse ano chegou a 42,2 milhões, o que representa alta de 6,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior (gráfico 9).

GRÁFICO 9

### Estoque de empregos formais, em valor absoluto e variação interanual – Caged (jan. 2020-jul. 2022)



Fonte: Novo Caged/Ministério da Economia. Disponível em: <<https://bit.ly/3SBs2AK>>. Elaboração dos autores.

## 2 ANÁLISE DOS FLUXOS DE OCUPAÇÃO E DESOCUPAÇÃO

Um retrato mais detalhado do mercado de trabalho pode ser obtido por meio da análise dos determinantes da evolução da ocupação e do desemprego sob uma perspectiva dinâmica, pelo exame da evolução das transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos no mercado de trabalho, complementando a tradicional análise da evolução dos estoques.<sup>6</sup> Para tal, utilizam-se os microdados da PNAD Contínua, cuja estrutura prevê que os moradores dos domicílios sejam entrevistados cinco vezes, sempre com um intervalo de três meses, perfazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta visita. Assim, a comparação da informação fornecida em duas entrevistas permite quantificar as transições individuais entre diferentes posições ocupadas no período compreendido pelas visitas.<sup>7</sup>

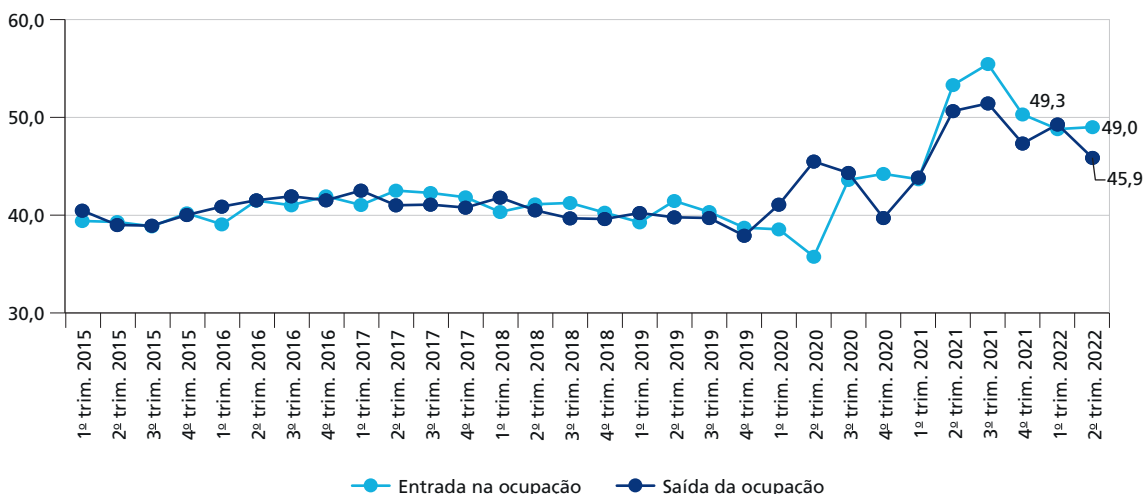
6. A verificação das transições das relações de ocupação e desocupação também são relevantes para a dinâmica de políticas de emprego e renda como o abono salarial (Amorim e Silva, 2022).

7. Vale dizer que o IBGE disponibiliza apenas um código identificador do domicílio, de forma que, para seguir a sequência de entrevistas de um mesmo indivíduo, foi usado também o gênero e a data de nascimento dos entrevistados.

Os gráficos 10 e 11 mostram os fluxos de entrada e saída para a ocupação total e para o emprego formal, respectivamente.<sup>8</sup> Tais fluxos são normalizados pela população ocupada estimada no primeiro dos dois trimestres considerados para suas respectivas identificações. A diferença entre as duas linhas em cada gráfico é equivalente, por construção, ao crescimento percentual da população ocupada (gráfico 10) e do emprego formal (gráfico 11) no respectivo trimestre identificado no eixo horizontal do gráfico. Em relação aos fluxos referentes à ocupação total, o gráfico 10 revela que a melhora no crescimento da população ocupada entre o primeiro e o segundo trimestres de 2022 se deve preponderantemente a uma redução do fluxo de saída da ocupação – de 49,3% para 45,9%. Isso, aliado a uma relativa estabilidade no fluxo de entrada na ocupação, garantiu que o fluxo de entrada voltasse a superar o de saída da ocupação.

O gráfico 11, por sua vez, revela que a diminuição no fluxo de saída também é determinante para o crescimento do emprego formal no segundo trimestre de 2022. Entretanto, nesse caso, o fluxo de entrada também apresentou queda, porém, dada sua menor magnitude, ela não chega a anular a contribuição da queda no fluxo de saída. Vale dizer que os dados do Novo Caged referendam esse padrão ao apontar queda tanto nas taxas de admissões como de desligamento do emprego formal no segundo trimestre de 2022, conforme pode ser observado nas linhas pontilhadas do gráfico 11.<sup>9</sup>

GRÁFICO 10  
**Fluxos de saída e de entrada para ocupação após primeiro trimestre (1º trim. 2015-2º trim. 2022)**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

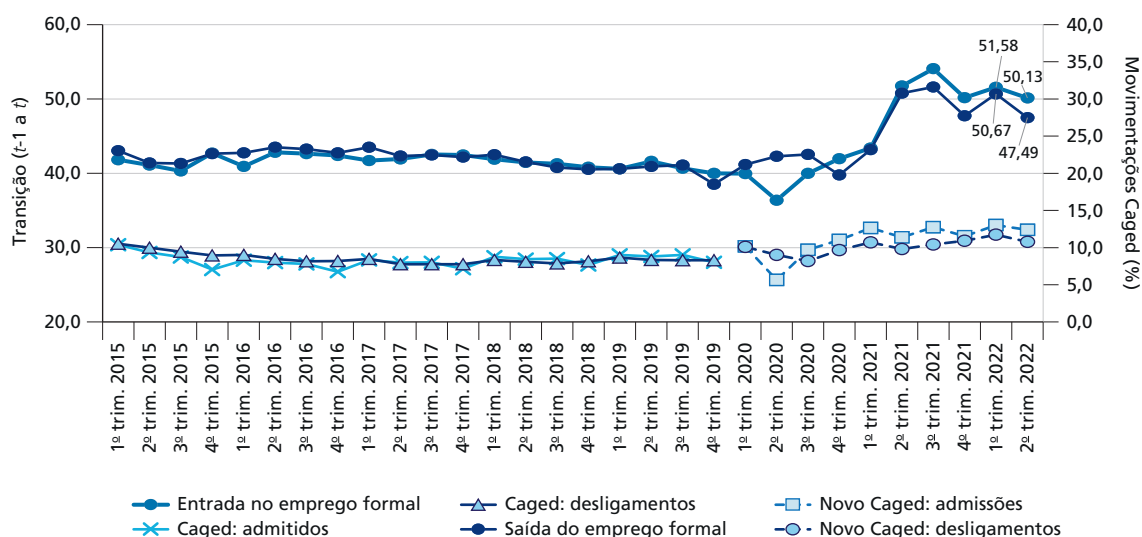
8. Além disso, foi calculado o saldo de todas as variações no peso amostral dos indivíduos que permaneceram ocupados de um trimestre para o outro. Quando esse saldo no trimestre é positivo, ele é acrescido na série das entradas; quando é negativo, na série das saídas.

9. Embora os dados do Novo Caged sejam disponibilizados em bases mensais, optamos por reportar as movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua.

GRÁFICO 11

Fluxos de saída e entrada para empregados formais<sup>1</sup> após primeiro trimestre e movimentações de vínculos do Caged e do Novo Caged (1º trim. 2015-2º trim. 2022)

(Em %)



Fonte: Novo Caged/Ministério da Economia. Disponível em: <<https://bit.ly/3SiXq7a>>.

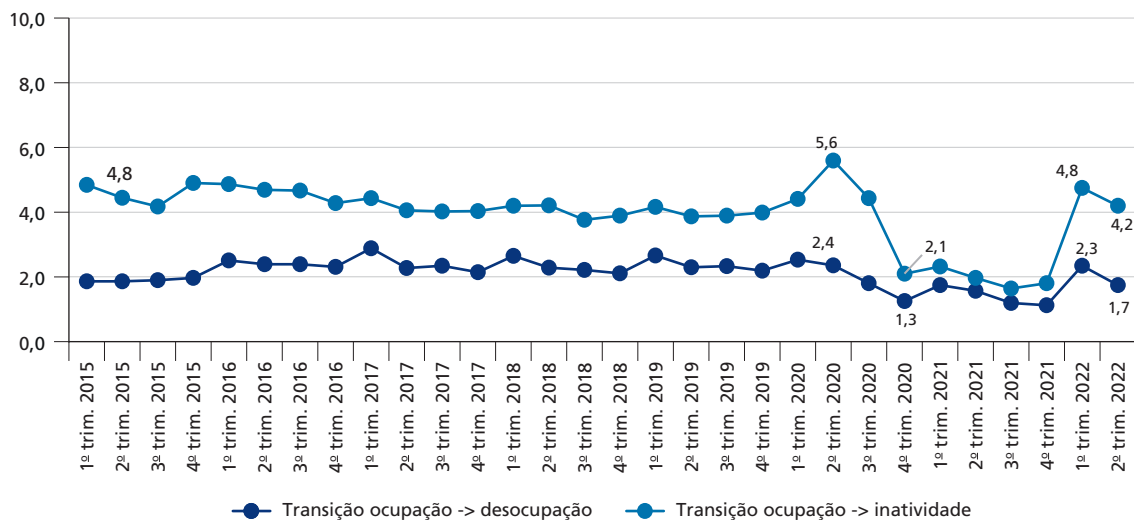
Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> Empregados com carteira de trabalho assinada.

Os gráficos 12 e 13 detalham os destinos e as origens, respectivamente, dos fluxos envolvendo a população ocupada. O gráfico 12 mostra que a queda no fluxo de saída no segundo trimestre de 2022 – retratada no gráfico 10 – deve-se a quedas tanto no fluxo da ocupação para o desemprego quanto no fluxo de saída da ocupação para a inatividade. Esse panorama positivo para a evolução da população ocupada no segundo trimestre de 2022 é complementado pelo crescimento nos fluxos de entrada provenientes do desemprego e da inatividade, conforme atestado pelo gráfico 12.

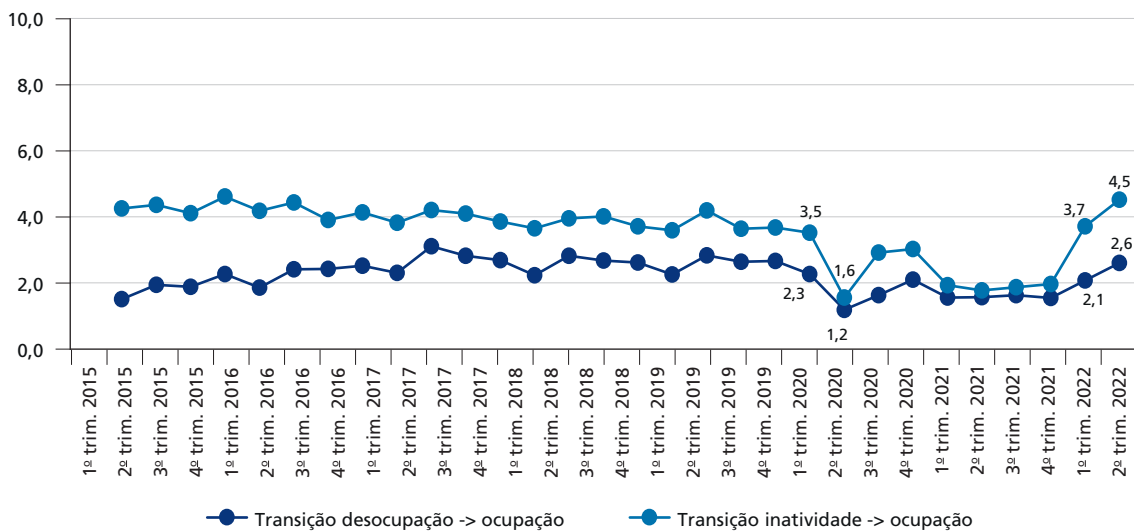


GRÁFICO 12  
**Decomposição das saídas de ocupação após primeiro trimestre (1º trim. 2015-2º trim. 2022)**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

GRÁFICO 13  
**Decomposição das entradas para ocupação após primeiro trimestre (1º trim. 2015-2º trim. 2022)**  
 (Em %)



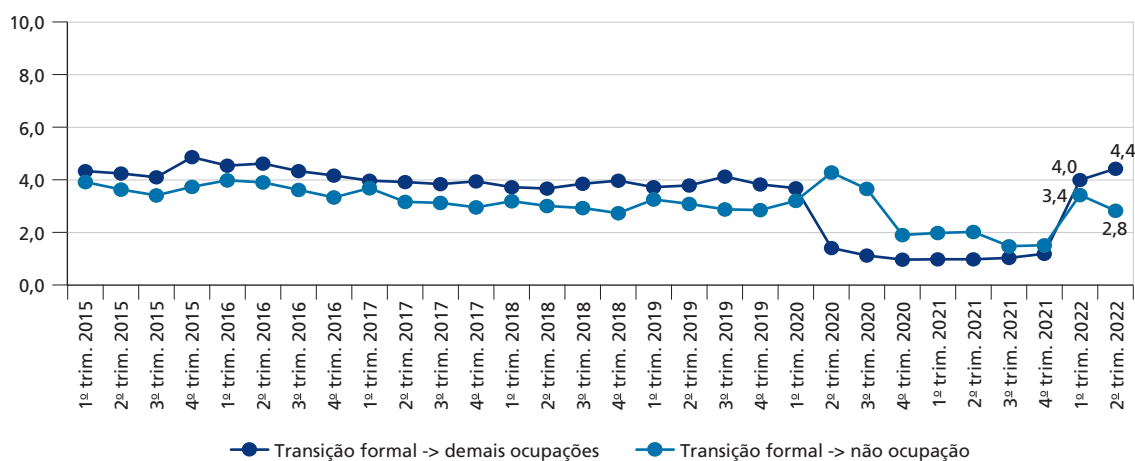
Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

Os gráficos 14 e 15 desagregam de forma similar os fluxos de saída e entrada, respectivamente, do emprego formal. Em ambos os casos, os componentes considerados apontam evoluções em direções distintas. O gráfico 14 mostra que a queda no fluxo de saída do emprego formal se deve a uma queda no componente relativo aos trabalhadores que transitam desse segmento para o *status* de sem ocupação (seja no desemprego ou na inatividade). O fluxo de saída do emprego formal que tem como destino outro tipo de ocupação (majoritariamente informal) apresenta uma leve subida de 4,0% para 4,4% no segundo trimestre de 2022, em relação ao período imediatamente anterior, sendo compatível com o maior crescimento do emprego informal no mercado de trabalho.

GRÁFICO 14

**Decomposição do fluxo de saída do emprego formal<sup>1</sup> após primeiro trimestre (1º trim. 2015-2º trim. 2022)**

(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>.

Elaboração dos autores.

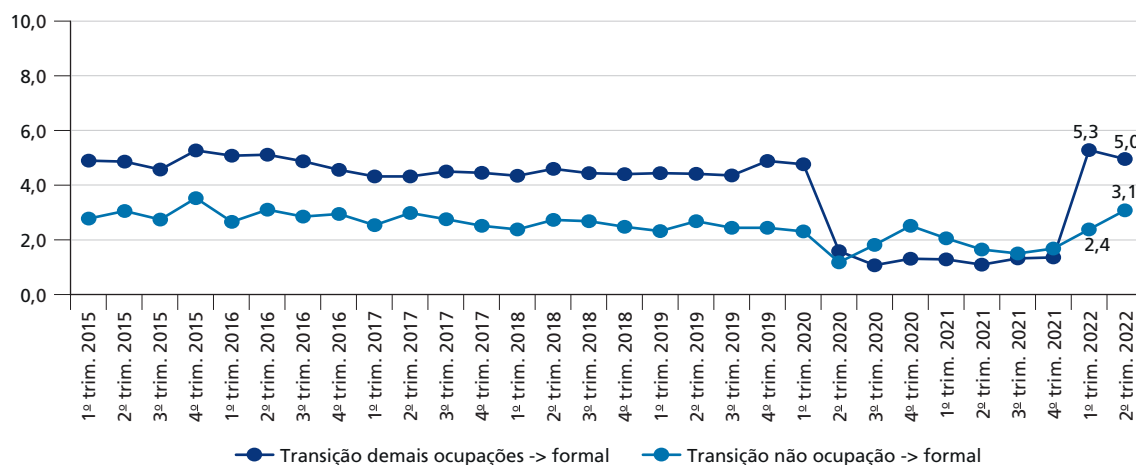
Nota: <sup>1</sup> Empregados com carteira.

O gráfico 15 confirma, para o fluxo de entrada no emprego formal, que o fluxo proveniente do não emprego é o responsável pelo movimento positivo captado no gráfico 11, haja vista que a entrada proveniente de outras formas de ocupação apresenta ligeira queda.

GRÁFICO 15

**Decomposição do fluxo de entrada para o emprego formal<sup>1</sup> após primeiro trimestre (1º trim. 2015-2º trim. 2022)**

(Em %)

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCXY>>.

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> Empregados com carteira.

### 3 ANÁLISE DESAGREGADA DA DESOCUPAÇÃO

Os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, mostram que, no segundo trimestre de 2022, houve queda expressiva do desemprego, em relação ao mesmo período do ano anterior, para todos os segmentos pesquisados (tabela 1). Na abertura regional, a pesquisa mostra que, embora em todas as regiões a desocupação no segundo trimestre tenha ficado bem abaixo da registrada no segundo trimestre de 2021, essa queda foi mais intensa no Centro-Oeste, cuja taxa recuou de 11,6% para 7,0%, no período em questão. Em termos absolutos, a menor taxa de desocupação é a do Sul (5,6%), enquanto o maior desemprego está no Nordeste (12,7%). Com relação às regiões metropolitanas e não metropolitanas, houve queda do desemprego em ambos os segmentos, cujas taxas de desocupação passaram de 16,3% e 12,6% no segundo trimestre de 2021 para 11,1% e 7,9% em 2022.

O recorte por gênero revela que, na comparação interanual, a magnitude da queda do desemprego foi semelhante em ambos os sexos, de modo que, enquanto a desocupação entre os homens recuou de 11,6% para 7,5%, a das mulheres caiu de 17,7% para 11,6%. Por sua vez, a desagregação por posição familiar indica uma desaceleração da desocupação um pouco mais forte entre os não chefes de família (11,3%, ante 17,8%) comparativamente aos chefes de família (6,9%, ante 9,8%).

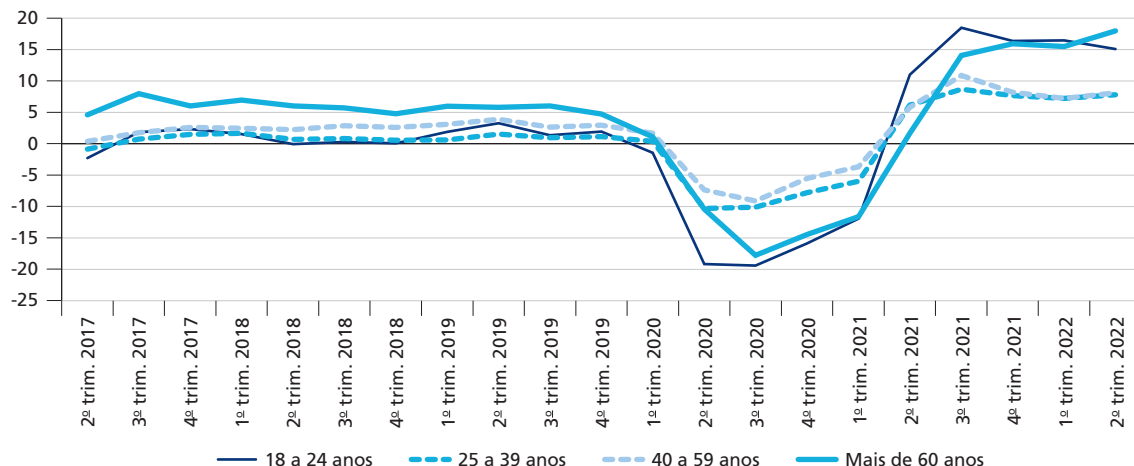
TABELA 1  
**Taxa de desemprego (2º trim. 2019-2º trim. 2022)**  
 (Em %)

	2019			2020				2021				2022	
	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	4ª trim.	1ª trim.	2ª trim.
Brasil	12,1	11,9	11,1	12,4	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1	9,3
Centro-Oeste	10,4	10,2	9,5	10,7	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4	8,5	7,0
Nordeste	14,8	14,6	13,8	15,8	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7	14,9	12,7
Norte	12,0	11,9	10,7	12,1	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2	11,7	8,9
Sudeste	12,5	12,0	11,5	12,5	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2	11,1	9,3
Sul	8,1	8,2	6,8	7,7	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7	6,5	5,6
Masculino	10,3	10,0	9,2	10,4	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0	9,1	7,5
Feminino	14,5	14,3	13,4	14,9	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9	13,7	11,6
18 a 24 anos	25,1	25,1	23,2	26,3	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8	22,8	19,3
25 a 39 anos	10,9	10,6	10,1	11,0	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1	10,2	8,3
40 a 59 anos	7,2	7,1	6,5	7,5	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2	7,1	6,0
Mais de 60 anos	4,9	4,6	4,2	4,4	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4	4,3	4,0
Não chefe de família	15,7	15,2	14,1	15,5	16,9	18,4	17,7	18,6	17,8	15,7	13,6	13,5	11,3
Chefe de família	7,8	7,8	7,3	8,4	9,7	10,6	9,8	10,4	9,8	8,7	8,0	8,2	6,9
Fundamental incompleto	11,2	11,4	10,6	11,5	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9	10,8	8,9
Fundamental completo	14,1	14,0	12,5	14,0	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3	12,2	10,4
Médio incompleto	20,2	20,5	18,4	20,3	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4	18,3	15,3
Médio completo	13,6	12,9	12,2	14,1	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6	12,7	10,6
Superior	8,1	7,7	7,3	8,2	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7	7,1	5,9
Região metropolitana	13,9	13,5	12,7	13,9	16,0	17,7	17,1	17,1	16,3	14,9	13,1	13,1	11,1
Não região metropolitana	10,7	10,6	9,8	11,2	11,8	12,7	12,0	13,2	12,6	10,9	9,6	9,6	7,9

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>.  
 Elaboração dos autores.

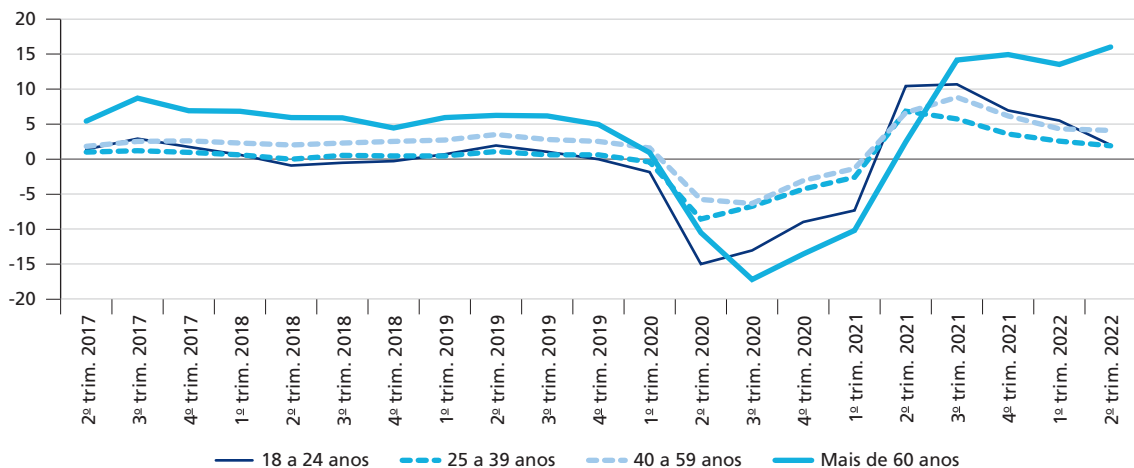
A abertura por idade mostra que todos os segmentos etários registraram recuo na desocupação, refletindo a forte expansão da população ocupada (gráfico 16). Embora, proporcionalmente, no segundo trimestre, na comparação interanual, as maiores quedas do desemprego tenham sido verificadas nos grupos de trabalhadores com idade entre 25 e 39 anos e entre 40 a 59 anos, o aumento da ocupação entre os trabalhadores mais jovens (18 a 24 anos) e os mais idosos (mais de 60 anos) foi mais significativo. Entre os trabalhadores mais jovens, a retração de 9,2 p.p. na desocupação entre o segundo trimestre de 2021 (28,5%) e o segundo trimestre de 2022 (19,3%) é explicada pelo aumento da ocupação (15,1%) em ritmo superior ao registrado pela PEA (2,0%). No caso dos trabalhadores mais idosos, observa-se que, mesmo diante de um aumento de 18,0% da ocupação, a taxa de desemprego deste grupo recuou apenas 1,6 p.p., tendo em vista a alta de 16,0% na sua força de trabalho (gráfico 17).

GRÁFICO 16  
**População ocupada por faixa etária – variação interanual (2º trim. 2017-2º trim. 2022)**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

GRÁFICO 17  
**População economicamente ativa por faixa etária – variação interanual (2º trim. 2017-2º trim. 2022)**  
 (Em %)

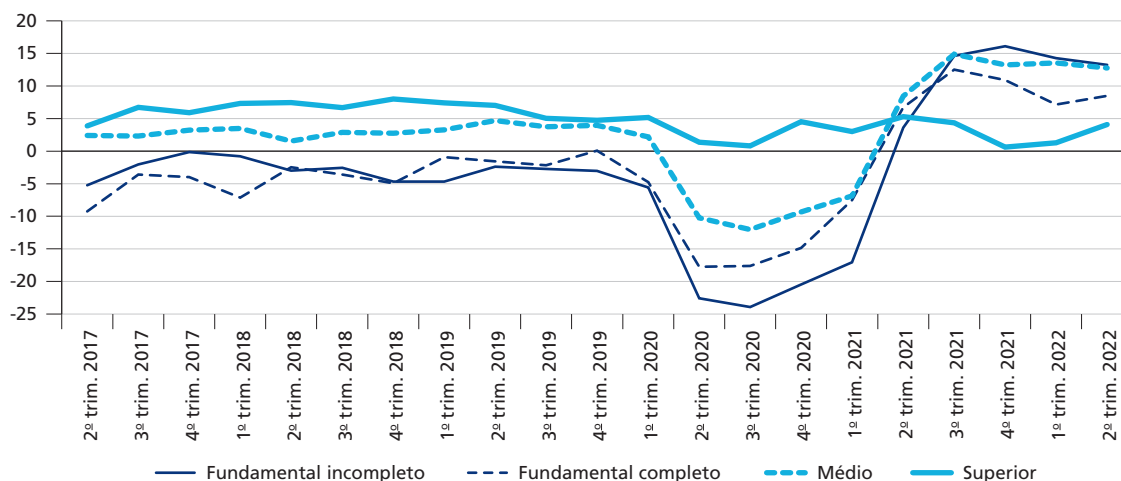


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

Por fim, o mesmo cenário de expansão da ocupação (gráfico 18) acima da força de trabalho (gráfico 19) explica a queda generalizada da desocupação no segundo trimestre de 2022, em todos os níveis educacionais. Os microdados da PNAD Contínua revelam que, embora as maiores taxas de expansão da ocupação tenham ocorrido nos segmentos fundamental incompleto (13,2%) e médio (12,8%), em termos relativos, a queda mais acentuada da desocupação,

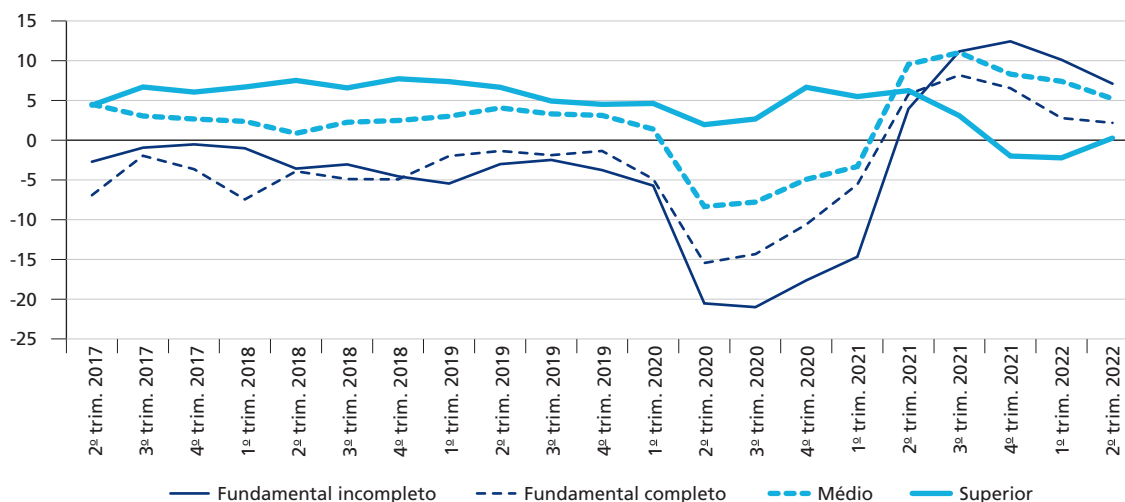
novamente, aconteceu entre os trabalhadores com ensino superior. Entre o segundo trimestre de 2021 e o segundo trimestre de 2022, a desocupação dos trabalhadores mais escolarizados caiu 37%, recuando de 9,4% para 5,9%, refletindo uma alta mais moderada da força de trabalho (0,2%) comparativamente à da ocupação (4,1%).

**GRÁFICO 18**  
**População ocupada por grau de instrução – variação interanual (2º trim. 2017-2º trim. 2022)**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

**GRÁFICO 19**  
**População economicamente ativa por grau de instrução – variação interanual (2º trim. 2017-2º trim. 2022)**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>. Elaboração dos autores.

#### 4 EMPREGO SETORIAL

De acordo com a tabela 2, observa-se que o aumento da população ocupada no segundo trimestre de 2022 reflete uma melhora no comportamento do emprego em praticamente todos os setores. De fato, das treze atividades expostas na tabela, apenas agricultura e administração pública não apresentaram aumento no ano. Em contrapartida, o grupo alojamento e alimentação apresentou o maior aumento, seguindo a tendência de recuperação após as sucessivas quedas causada pela pandemia, quando foi um dos segmentos mais afetados. No último trimestre, a PNAD Contínua estima aproximadamente 5,3 milhões de trabalhadores nesse setor, ainda abaixo do seu valor pré-pandemia no segundo trimestre de 2019, de 5,5 milhões, mas em franca recuperação. Serviços de utilidade pública, serviços pessoais e serviços domésticos também apresentaram forte crescimento no ano: 15,3%, 15,0% e 14,2%, respectivamente. Em relação ao primeiro deles, deve-se levar em conta o tamanho relativamente pequeno do setor (quase 750 mil no segundo trimestre de 2022). Em valores absolutos, o setor que mais acrescentou trabalhadores à ocupação foi o comércio, com expansão de 1,7 milhão de indivíduos, entre o segundo trimestre de 2021 e 2022, de acordo com a PNAD Contínua, sendo seguido pelo setor de alojamento e alimentação, que registrou um crescimento de aproximadamente 880 mil pessoas ocupadas em doze meses.

O crescimento do emprego é quase generalizado entre os diversos setores da economia, tendo sido mais intenso em setores que tendem a ter níveis relativamente mais baixos de produtividade e piores condições de trabalho. Isso pode explicar a evolução bem menos favorável dos indicadores de rendimento em relação aos de ocupação.<sup>10</sup>

TABELA 2  
População ocupada por setores – variação interanual (2º trim. 2020-2º trim. 2022)  
(Em %)

	2020			2021				2022	
	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.
Agricultura	-7,8	-2,7	2,1	3,6	11,2	9,7	4,5	2,5	-1,1
Indústria extrativa	9,7	-4,9	-11,3	-11,6	-4,8	5,0	12,1	9,8	4,7
Indústria de transformação	-9,9	-10,5	-7,3	-5,2	5,3	12,8	9,1	8,2	7,0
Siup	-10,6	-16,5	-26,3	-19,2	-18,6	-13,0	8,1	6,5	15,3
Construção civil	-18,8	-14,7	-9,3	-2,5	22,2	20,1	17,4	12,7	7,1
Comércio	-12,6	-12,7	-10,3	-8,2	6,1	13,4	11,6	12,2	10,5
Informática, financeira, serviços a empresas	-4,7	-6,8	-0,8	0,9	9,1	10,4	7,2	4,0	2,1
Transporte	-9,9	-14,0	-11,5	-9,0	4,6	12,6	10,0	10,4	7,0
Serviços pessoais	-17,6	-20,5	-18,3	-17,4	3,5	8,8	14,7	19,5	15,0
Administração pública	3,2	1,3	1,9	-3,0	-3,0	-3,7	-2,4	2,6	-0,6
Saúde e educação	-0,1	-5,4	-2,1	-0,6	-0,2	4,3	3,1	1,5	1,7
Alojamento e alimentação	-26,1	-30,3	-27,6	-26,3	8,8	26,5	23,9	32,5	19,9
Serviços domésticos	-25,6	-27,8	-23,8	-18,6	9,0	21,3	21,7	19,4	14,2

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>.

Elaboração dos autores.

Obs.: Siup – serviços industriais de utilidade pública.

10. Uma análise da evolução recente dos indicadores de rendimento pode ser conferida em Carvalho (2022).

A tabela 3 mostra a variação anual de trabalhadores por setor de atividade, separando por posição na ocupação. O cenário é de crescimento do emprego formal, seja com base nos dados do Novo Caged (primeira coluna), seja com base nos da PNAD Contínua (segunda coluna).<sup>11</sup> Das 25 taxas de crescimento anual de emprego setorial formal reportadas por ambas as fontes, apenas uma delas não tem sinal positivo (referente à administração pública pelos dados da PNAD Contínua).

TABELA 3

**População ocupada por setores e posição na ocupação – variação interanual (2º trim. 2022)**  
(Em %)

	Novo Caged <sup>1</sup>	Com carteira <sup>2</sup>	Sem carteira <sup>3</sup>	Conta própria
<b>Total</b>	<b>6,16</b>	<b>8,7</b>	<b>19,6</b>	<b>4,3</b>
Agricultura	5,3	8,0	-5,1	-0,2
Indústria extrativa	3,5	15,8	33,4	34,5
Indústria de transformação	4,8	10,2	13,9	4,8
Siup	4,3	16,9	25,9	-2,4
Construção civil	17,5	20,7	24,2	0,9
Comércio	6,3	13,1	29,1	7,1
Informática, financeira, serviços a empresas	9,6	6,1	25,0	-7,3
Transporte	7,4	9,5	24,1	7,0
Serviços pessoais	16,7	19,8	29,7	14,9
Administração pública	0,8	-2,6	18,7	-
Saúde e educação	2,7	2,3	35,8	4,5
Alojamento e alimentação	21,0	29,6	31,4	11,0
Serviços domésticos	-	17,7	19,1	-

Fontes: PNAD Contínua/IBGE (disponível em: <<https://bit.ly/3BOCcXY>>); e Novo Caged/Ministério da Economia (disponível em: <<https://bit.ly/3SBS2AK>>).

Elaboração dos autores.

Notas: <sup>1</sup> Normalizado pela população estimada pela PNAD Contínua de trabalhadores formais do segundo trimestre de 2021.

<sup>2</sup> Empregados com carteira, militares e estatutários.

<sup>3</sup> Empregados sem carteira e trabalhador auxiliar familiar sem remuneração.

No comparativo entre os setores, os dados da PNAD Contínua revelam que o grupo de alojamento e alimentação novamente apresenta o maior crescimento anual do emprego formal (29,6%), seguido de construção civil (20,7%). De forma geral, a variação do emprego formal por setor de atividade, reportada pelo Novo Caged, vai na mesma direção, ainda que com magnitudes menores. A título de ilustração, os setores com maiores taxas de crescimento anual do emprego formal também foram alojamento e alimentação (21%) e construção civil (17,5%).

11. As taxas reportadas no respectivo setor de atividade referentes ao Novo Caged são obtidas por meio da soma dos saldos entre admissões e desligamento nos últimos doze meses normalizados pela população com carteira estimada pela PNAD Contínua no segundo trimestre de 2021.



Por fim, observa-se que houve um aumento ainda maior do emprego sem carteira. Para todos os setores que cresceram, entre o segundo trimestre de 2021 e 2022, o aumento dos empregados sem carteira foi superior ao dos empregados com carteira. Deve-se destacar o comportamento do setor de educação e saúde, com forte crescimento do emprego sem carteira – 35,8%, ou seja, aproximadamente 625 mil trabalhadores –, sendo o maior responsável pelo aumento no número de empregados informais, tanto em termos percentuais quanto em números absolutos.

### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mercado de trabalho brasileiro vem revertendo, desde meados de 2021, os impactos negativos sentidos durante o período mais forte da pandemia de covid-19, demonstrando expansão da população ocupada e redução do desemprego.<sup>12</sup> Adicionalmente, a melhora observada nos últimos meses dos indicadores de ocupação formal, subocupação e desalento completam este cenário positivo no país.

Em julho de 2022, o dado mensal produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>13</sup> – com base nas séries de trimestres móveis da PNAD Contínua – revela que a taxa de desocupação recuou pelo 14º mês consecutivo, chegando a 8,9% e atingindo o menor patamar desde julho de 2015. Por conseguinte, a população desocupada recuou 28,9% entre julho de 2021 e 2022 – ou seja, quase 4 milhões de pessoas a menos nessa condição –, passando de 13,6 milhões para 9,7 milhões. O contingente de ocupados na economia brasileira, por sua vez, avançou 7,5% na comparação interanual, abarcando aproximadamente 100,2 milhões de pessoas. Nota-se, ainda, que esse efeito positivo do desempenho da ocupação sobre a redução do desemprego poderia ser ainda maior, se não fosse o aumento da taxa de participação<sup>14</sup> impulsionada por um crescimento potente da força de trabalho. Segundo os dados mensalizados, em julho de 2022, mais de 110 milhões de pessoas formavam a força de trabalho brasileira, o que significa aumento de 2,8% na comparação com o mesmo mês do ano anterior.

Adicionalmente, o cálculo dos fluxos de transição dos indivíduos no mercado de trabalho, obtido a partir dos microdados trimestrais da PNAD Contínua, indica que esse aumento da população ocupada se deve, especialmente, à redução do fluxo de saída da ocupação, que recuou de 49,3% para 45,9% entre o primeiro e o segundo trimestres de 2022.<sup>15</sup> Os dados mostram também que esta queda no fluxo de saída no segundo trimestre de 2022 se deve ao recuo tanto no fluxo da ocupação para o desemprego – que passou de 2,3% para 1,7% – quanto no fluxo de saída da ocupação para a inatividade – que passou de 4,8% para 4,2%. De modo complementar, esse panorama positivo para a evolução da população ocupada, no segundo trimestre de 2022, é corroborado pelo crescimento nos fluxos de entrada para a ocupação provenientes do desemprego (2,1% para 2,6%) e da inatividade (3,7% para 4,5%).

12. Sobre os impactos da pandemia de covid-19 no mercado de trabalho brasileiro, ver Silva, Corseuil e Costa (2022) e Ipea (2022b).

13. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Hecksher (2020).

14. Total de pessoas ocupadas ou procurando ocupação (isto é, a PEA ou força de trabalho) em relação à população em idade ativa.

15. Desses percentuais, a maior parte (cerca de 40%) corresponde a entradas e saídas da amostra, que aproximadamente se compensam.

Deve-se salientar, ainda, que essa expansão da ocupação vem ocorrendo de forma generalizada em termos de regiões, segmentos etários e educacionais e setores da economia. De acordo com os dados da PNAD Contínua trimestral, a comparação interanual indica que, embora no segundo trimestre de 2022, proporcionalmente, as maiores quedas da taxa de desemprego tenham sido verificadas nos grupos de trabalhadores com idade entre 25 e 39 anos, o aumento da ocupação foi mais intenso entre os trabalhadores mais jovens (15,1%) e os mais idosos (18,0%). No caso da desagregação por escolaridade, proporcionalmente, a queda mais acentuada da taxa de desocupação aconteceu entre os trabalhadores com ensino superior, cuja alta da ocupação (4,1%) foi mais intensa que a observada na força de trabalho (0,2%). Por sua vez, a abertura setorial revela que, à exceção dos grupos agricultura e administração pública, todos os demais setores pesquisados pelo IBGE apresentaram, no segundo trimestre de 2022, crescimento interanual da ocupação, com destaque para os segmentos de alojamento e alimentação (19,9%) e serviços pessoais (15,0%).

Assim como na ocupação, a melhora dos indicadores de subocupação e desalento ratificam este cenário de recuperação do mercado de trabalho no país. Em julho de 2022, o conjunto de trabalhadores que se declararam subocupados correspondia a 6,1% do total da ocupação, ou seja, de 2,2 p.p. inferior ao apontado em julho de 2021. A proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho, por sua vez, recuou de 4,4% para 3,6%, entre julho de 2021 e 2022.

Por fim, vale ressaltar que, embora a grande maioria dos postos de trabalho observados esteja sendo gerada em atividades informais, o emprego formal também vem apresentando sinais de recuperação. No trimestre móvel encerrado em julho, enquanto o montante de trabalhadores sem carteira de trabalho assinada no setor privado avançou 19,8%, na comparação interanual, o contingente de ocupados com carteira no setor privado cresceu 10%. Contudo, os indicadores de rendimento têm apresentado evolução menos favorável em relação aos de ocupação.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, B.; SILVA, S. P. **A evolução da abrangência do Programa Abono Salarial**: análise dos fluxos de entrada e saída (2011-2019). Ipea: Rio de Janeiro, 2022. (Texto para Discussão, n. 2794). Disponível em: <<https://bit.ly/3BW1wLL>>.

CARVALHO, S. S. de. Retrato dos rendimentos do trabalho – resultados da PNAD Contínua do segundo trimestre de 2022. **Carta de Conjuntura**, n. 56, nota de conjuntura 17, 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3LNAKJW>>.

HECKSHER, M. **Valor impreciso por mês exato**: microdados e indicadores mensais baseados na PNAD Contínua. Ipea: Brasília, 2020. (Nota Técnica Disoc, n. 62). Disponível em: <<https://bit.ly/3SXIUTF>>.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Análise do mercado de trabalho. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Brasília, n. 73, p. 9-42, 2022a. Disponível: <<https://bit.ly/3rgQ3Bu>>.

\_\_\_\_\_. Trabalho e renda. **Políticas Sociais: acompanhamento e análise**, Brasília, n. 29, 2022b. Disponível em: <<https://bit.ly/3SkoCCt>>.

SILVA, S. P.; CORSEUIL, C. H.; COSTA, J. **Impactos da pandemia de covid-19 no mercado de trabalho e na distribuição de renda no Brasil**. Brasília: Ipea, 2022.

